

A Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica e a Epistemologia da Complexidade

The Hermeneutic-Phenomenological Approach and the Epistemology of Complexity

Ricardo Medeiros Priuli

Mestrado em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Tecnólogo em Audiovisual, Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

 ricardopriuli@gmail.com  <https://orcid.org/0000-0003-3318-5294>

 <https://doi.org/10.29327>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a um estudo sobre a utilização de uma abordagem metodológica qualitativa em uma pesquisa na formação tecnológica de professores. Este artigo apresenta um estudo sobre as contribuições da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (AHFC) numa pesquisa sobre a formação tecnológica de professores que foi desenvolvida no âmbito da Linguística Aplicada. A AHFC é uma orientação metodológica qualitativa desenvolvida por Freire (2013, 2017) e que permite ao pesquisador investigar, por meio de processos interpretativos, os fenômenos da experiência humana. Esta abordagem tem sido utilizada como orientação metodológica em inúmeras teses e dissertações na área da Linguística Aplicada e neste artigo discuto e apresento reflexões que podem contribuir com outros pesquisadores que estejam buscando caminhos e possibilidades para desenhar suas pesquisas qualitativas.

Palavras-chave: Hermenêutica, Fenomenológica, Complexidade.

Abstract

This article aims to present a study on the use of a qualitative methodological approach in research on the technological training of teachers. It explores the contributions of the Complex Hermeneutic-Phenomenological Approach (CHPA) in a study on the technological training of teachers conducted within the field of Applied Linguistics. The CHPA is a qualitative methodological orientation developed by Freire (2013, 2017) that allows researchers to investigate the phenomena of human experience through interpretive processes. This approach has been widely used as a methodological framework in numerous theses and dissertations in the field of Applied Linguistics. In this article, I discuss and present reflections that may contribute to other researchers who are seeking paths and possibilities for designing their qualitative research.

Keywords: Hermeneutics, Phenomenology, Complexity.

Recebido em 14/07/2023

Aceito em 24/08/2023

Publicado em 07/09/2023

Introdução

A abordagem Hermenêutico-fenomenológica Complexa (AHFC) é uma orientação metodológica que articula Hermenêutica, Fenomenologia e Epistemologia da Complexidade. Essa abordagem permite descrever e interpretar fenômenos da experiência humana por meio da identificação de temas hermenêutico-fenomenológicos complexos. Os temas emergem dos textos coletados e são obtidos através de rotinas de organização, tematização e validação propostas por Freire (2013, 2017). Nessa abordagem, a interpretação não é única e final, mas sim um mergulho interpretativo possível, aberto a outras interpretações. Neste artigo apresento a AHFC como orientação metodológica em uma pesquisa realizada na PUC São Paulo em 2017, sob a orientação da Dra. Maximina Freire. O objetivo dessa pesquisa foi investigar como os professores em formação vivenciam a produção de videoaulas.

A pesquisa revelou que, embora os participantes tivessem contato com aulas online em seus cursos de licenciatura, não havia uma formação específica para criar conteúdos audiovisuais para plataformas online. Através da imersão em linguagem audiovisual, análises fílmicas e produção de roteiros, os participantes puderam planejar e gravar uma videoaula.

Durante a vivência de gravação, os participantes enfrentaram desafios relacionados à ausência de feedback dos alunos e à artificialidade da situação de falar diante de uma câmera. Esses desafios revelaram a falta de naturalidade e o estranhamento na transposição da aula presencial para a videoaula assíncrona. A pesquisa também questionou o conceito de "videoaula" como uma reprodução fiel da experiência de sala de aula, apontando para a necessidade de considerar a videoaula como um material didático, com características próprias e diferentes da aula síncrona (PRIULI, 2017). No último encontro formativo com os participantes da pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta, a conversa hermenêutica, que é um dos instrumentos típicos da AHFC. Desse modo a conversa foi textualizada para em seguida ser submetida ao processo de interpretação e tematização até a obtenção dos temas.

O processo de tematização utilizado nessa pesquisa, a partir das rotinas de organização e interpretação proposto por Freire (2013) permitiram a identificação dos seguintes temas: busca, presença, ausência, estranhamento, questionamento, feedback, humanidade, dificuldade, naturalidade, artificialidade, discurso, espaço e aula. Esses

temas possuem diversas relações complexas entre si de modo que representaram a essência do fenômeno investigado.

Assim, este artigo se estrutura da seguinte maneira; na fundamentação teórica apresento os principais fundamentos teóricos e a caracterização da AHFC, na segunda seção apresento ao leitor como a AHFC foi utilizada em uma pesquisa de mestrado realizada em 2017 na PUC São Paulo. Na terceira seção apresentou a conversa hermenêutica e como ela auxiliou a desvelar a natureza do fenômeno investigado. Na quarta seção o leitor vai encontrar um resumo com o sistema de temas encontrados. Na quinta seção apresento as relações complexas existentes entre os temas e subtemas na rede de significados em que se apresentaram. E por fim na quinta sexta seção apresento a conclusão da vivência de realizar uma pesquisa utilizando a AHFC.

Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa

Trata-se de uma abordagem metodológica que articula, os conhecimentos filosóficos da Hermenêutica e da Fenomenologia, com a epistemologia da Complexidade (Morin, 2008, 2014a, 2015) Essa orientação metodológica permite descrever e interpretar fenômenos da experiência humana por meio da identificação de temas hermenêutico-fenomenológicos complexos. Os temas que emergem de textos coletados são obtidos a partir das rotinas de organização, tematização e validação propostas por Freire (2010, 2012).

A abordagem possui rotinas de organização e tematização por meio de procedimentos de refinamento, ressignificação e ciclo de validação. De acordo com Freire (2010) os temas que emergem dos textos serão marcados pelo ponto de vista do pesquisador, portanto, o horizonte de vivências, conhecimentos acadêmicos, filosóficos, culturais e pessoais do pesquisador se tornam também parte da pesquisa e desse modo a AHFC não apresenta uma interpretação única e final para o fenômeno investigado, ou melhor, para uma manifestação desse fenômeno. A interpretação será, no entanto, um mergulho interpretativo possível, contudo, aberto a outras interpretações igualmente possíveis, por parte de quem possui outras referências e experiências.

Na AHFC toda a interpretação segue uma pergunta guia, Freire (2010, 2012) se apoia em van Manen (1990) ao afirmar que um questionamento fenomenológico parte de uma pergunta de significado, desse modo Freire (2012) orienta que a fenomenologia não

pergunta: Como estas crianças aprendem este material específico? Mas, ela pergunta: Qual a natureza/essência da experiência de aprendizagem? Portanto, este é o tipo de pergunta que a AHFC responde, qual a natureza ou a essência das experiências ou fenômenos vividos. Para compreender essa articulação é importante conhecer as raízes, pelo menos as mais expostas, da fenomenologia, hermenêutica e complexidade, portanto, vamos a elas.

Raízes Filosóficas da Fenomenologia e Hermenêutica Para a AHFC

Segundo Freire (2010, 2012) partindo de Heidegger (2006) a fenomenologia procura contemplar a natureza essencial de um fenômeno, revelando certas formas de vivenciá-lo e de “estar no mundo”. De acordo com tal afirmação, uma investigação fenomenológica está, basicamente, fundamentada na experiência humana que objetiva abarcar e descrever em sua essência, em sua natureza mais intrínseca, seu significado último, como destaca Freire (2012,2013) partindo dos estudos de (Husserl, 1913/1962; Merleau-Ponty, 1962; van Manen, 1990; Moustakas, 1994). Portanto, a fenomenologia é o estudo das essências e busca compreender a natureza dos fenômenos e descrever sua estrutura, relações e significado a partir da perspectiva da consciência de quem os vivenciam.

Segundo Freire (2010) “Uma pesquisa hermenêutica lida com a textualização de interpretações de experiências ela envolve “a arte de ler um texto de tal forma que a intenção e o significado presentes nas entrelinhas sejam completamente entendidos”. Sob um enfoque mais abrangente a compreensão desses textos gera uma conversa, “um diálogo interpretativo, revelador do engajamento e motivação do leitor pelo texto que lê.” (Freire, 2010). Portanto a característica hermenêutica presente na AHFC lida com a interpretação de experiências vividas através dos textos coletados.

Raízes da Epistemologia da Complexidade Para a AHFC

Freire (2017) se apoia a partir dos operadores/princípios da complexidade definidos por Edgar Morin (2008, 2015). Segundo o autor os operadores/princípios da complexidade são: sistêmico, dialógico, recursivo e hologramático.

Para Morin (2008, 2015) o princípio/operador sistêmico reconhece que o mundo é composto por sistemas interconectados. Um sistema é uma entidade composta por partes

que interagem e se relacionam entre si, formando um todo organizado. Desse modo é possível compreender os sistemas em suas múltiplas dimensões e considerar as interações complexas entre suas partes.

O princípio/operador dialógico apresentado por Morin (2008, p. 107) pode ser compreendido a partir da relação entre ordem, desordem e organização dos sistemas biológicos e dinâmicos e está relacionado à capacidade de associação entre o que é antagônico e, ao mesmo tempo, complementar. Para Morin (2014b p.95), esse princípio/operador une duas noções que deviam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis na mesma realidade. É importante destacar a fim de evitar equívocos que o termo dialética segundo Mariotti (2007, p.151) significa conversação, diálogo entre posições contrárias, para o autor toda ideia seguindo uma concepção hegeliana é uma tese, que provoca o surgimento de uma antítese. Do embate ou resolução dessas duas surge uma síntese que é a resolução da contradição de modo que a tese se concilia com a antítese em uma síntese. Em contrapartida, o termo dialógico significa que há contradições ou posições contrárias que não se resolvem, há um antagonismo persistente. Esses antagonismos fazem parte da complexidade natural do mundo e de seus fenômenos.

O sistema/princípio recursivo rompe com a noção de causalidade linear (causa e efeito) pela ideia de relação circular, não-linear, entre causa e efeito. Seguindo o mesmo raciocínio, Nicolescu (2015) apresenta também a complementaridade simultânea entre causa e efeito, o que evidencia o operador/princípio dialógico e recursivo. Segundo Mariotti (2007) Onde houver seres vivos as relações serão sempre circulares. Por mais que pareçam lineares, elas são não-lineares: os efeitos retroagem sobre as causas e as realimentam.

E por fim o princípio/operador hologramático, que segundo Morin (2008) propõe que cada parte de um sistema contém as informações essenciais do todo. Assim como em um holograma, cada fragmento contém a totalidade da imagem. Nesse sentido, Morin (2008) argumenta que é necessário considerar a interação e a influência mútua entre as partes e o todo, reconhecendo que as partes são indissociáveis do todo e que o todo está presente em cada parte.

A partir de tais operadores/princípios, compreende-se na AHFC uma tessitura complexa de modo que a fenomenologia busca desvendar de modo mais retrospectivo e descritivo a essência e as qualidades de um certo fenômeno sob a perspectiva de quem o vivencia. Ao mesmo tempo a AHFC possui o viés descritivo, pois a pesquisa hermenêutica

lida com a textualização de interpretações de experiências. A identificação da autora com essas percepções filosóficas a conduzem à definição de uma abordagem sob a viés da complexidade, portanto assumidamente é uma abordagem ao mesmo tempo, hermenêutica e fenomenológica, ou seja, simultaneamente descritiva e interpretativa, voltada a descrições retrospectivas e a interpretações de experiências de vida” e os temas que emergem no processo possuem características complexas permitindo ao pesquisador múltiplos olhares para o fenômeno investigado.

O Registro e a Aura da Aula

De acordo com Walter Benjamin, o conceito de "aura" é uma ideia central em sua obra "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica". Benjamin (1987) usa esse termo para se referir à qualidade única e autêntica de uma obra original, que é perdida quando a obra é reproduzida em massa. Para Benjamin, a aura está intrinsecamente ligada à autenticidade e à singularidade de uma obra. Ela é criada pela sua existência em um determinado tempo e espaço, carregando consigo a história e a tradição cultural que a envolve. A aura é uma espécie de "halo" que envolve a obra de arte original e confere a ela um valor único. No entanto, com o advento da reprodução técnica, como a fotografia, o cinema, e as produções audiovisuais a aura as obras originais ficam comprometidas pois:

...a aura está ligada ao seu aqui e agora. Não há cópia da aura. A aura que envolve Macbeth sobre o palco não pode ser separada daquela que envolve, para o público vivo, o ator que representa esse papel. O que distingue a gravação no estúdio de cinema, porém, é colocar a aparelhagem no lugar do público. Dessa maneira, a aura que envolve o ator deve desfazer-se – e, com ela, também aquela que envolve a personagem por ele representada (Benjamin, 1987, p. 57).

Portanto, para Benjamin o ato de substituir o público, que podemos considerar no caso de videoaulas, alunos, por uma câmera é antiaurático, pois remove a singularidade temporal e espacial de um momento único. Isso resulta na perda da aura, uma vez que a experiência autêntica e única é substituída por sua disseminação mecânica e reprodução em massa. Desse modo, reproduzir um espaço/tempo de aula para videoaula, como o objetivo de massificar reduz o poder de transmitir uma experiência única. A aura, nesse sentido, representa a conexão entre o momento único do “aqui e agora” e seu contexto cultural e histórico, que é fundamental para uma apreciação plena e significativa de

qualquer obra, desse modo considero o *momentum* de lecionar uma arte, de construir com os alunos novos significados, pois os docentes geralmente assumem o papel de planejar a viagem do aluno a um universo novo, podendo caminhar junto com eles ou não, assim podemos inferir que não há cópia da aula, pois ela existe em um *momentum* de tempo e espaço únicos e irreproduzível, pois o tempo, os alunos, as dúvidas, as construções, os trabalhos, as ligações e (re)ligações de conhecimentos são líquidos no tempo. Portanto uma videoaula não é capaz de reproduzir a vivência de uma aula síncrona, pois como um livro, mesmo atual está congelado no tempo, apesar de conter informações armazenadas em um tipo de linguagem eles não possuem o *momentum* do “aqui e agora” pois se tratam de mídias e não de vivências humanas.

Quando ocorre a tentativa de reproduzir uma aula presencial em vídeo assíncrono, a conexão aurática se perde, pois a linguagem de vídeo assíncrono é antiaurática. Ela é calcada na reprodução e nela não existe o “aqui e agora”, que marca o evento aurático. Se, para Benjamin, não é possível copiar a aura, a linguagem audiovisual assíncrona é toda uma cópia e, portanto, antiaurática por excelência (Benjamin, 1987, p. 27), entretanto existe de fato um produto que podemos chamar de registro de aula, este produto não é uma aula tampouco uma videoaula, mas um mero registro, como nos tempos do cinematógrafo, que antes de existir o que conhecemos como linguagem do cinema, este equipamento era capaz de registrar os acontecimentos de forma linear, ou seja, no tempo em que ocorrem, como o ato de ligar uma câmera e deixar o registro acontecer, sem manipular o tempo e o espaço, ou seja, sem manipular a linguagem fílmica tudo o que temos é mero registro.

O tempo do cinematógrafo era exatamente o tempo cronológico real. O cinema em contrapartida, expurga e fragmenta a cronologia; ele coordena e liga fragmentos de tempo conforme um ritmo particular que é, não o da ação, mas o das imagens da ação. A montagem une e ordena numa continuidade a sucessão descontínua e heterogênea dos planos. É esse ritmo, a partir das séries de tempo seccionadas em trechos menores, que reconstituirá um tempo novo, fluido (Morin, 2014b, p.78).

Assim considero na pesquisa o termo videoaula, como os produtos audiovisuais educacionais que possuem tratamento para linguagem de vídeo, ou seja, são planejados, validados por pares, recebem tratamentos de acessibilidade como LIBRAS, audiodescrição, em seguida são gravados, montados e editados para obter linguagem audiovisual, esse processo transforma os fragmentos gravados em uma mídia

denominada videoaula, que é uma mídia audiovisual assíncrona capaz de complementar aulas em plataformas de educação online.

Como qualquer mídia, livros, videoaulas assíncronas, páginas de internet, *podcasts*, *blogs*, *games* ou qualquer outro meio podem tratar de temas de aulas de modo transmidiático¹, ou seja, mantendo a narrativa principal saltando entre mídias e suas linguagens, mas não possuem a aura de aula, entretanto cada mídia é o meio pelo qual uma linguagem transita, em especial a videoaula só possui linguagem de vídeo ao transitar pelo processo de montagem audiovisual², o contrário disso, o ato de ligar a câmera e gravar sem nenhum planejamento prévio ou tratamento e montagem posterior considero como registro me apoiando nas concepções de linguagem audiovisual de Carrière (2006) e Morin (2014b).

Uma Pesquisa de Formação Docente com a Orientação da AHFC

Em 2017 na PUC São Paulo foi realizada uma pesquisa de mestrado, orientada pela Dra. Maximina Freire intitulada como: Uma aula na cabeça, uma câmera na mão: transposição para videoaula na perspectiva da complexidade (Priuli, 2017). Esta pesquisa teve o objetivo de investigar como professores em formação vivenciam a produção de videoaulas, a pesquisa revela que os participantes possuem contato com aulas online em seus cursos de licenciatura, entretanto a formação em licenciatura ainda não possui em seus currículos nenhuma possibilidade de contato com a arte de criar e transformar o tempo/espaço das aulas em conteúdos audiovisuais em plataformas online. Essa pesquisa revelou uma característica anacrônica e comum nas licenciaturas que utilizam tecnologias para formar os alunos, porém não apresentam a estes nenhuma possibilidade de prática ou vivência no âmbito de produção audiovisual que é tão presente em plataformas de educação a distância.

No processo da pesquisa foi ofertado aos participantes uma imersão em linguagem audiovisual com análises filmicas, produção de roteiro audiovisual com o objetivo de proporcionar aos participantes a oportunidade de planejar e gravar uma aula em vídeo,

¹ A transmídia é uma abordagem narrativa em que uma história ou conceito é contado e expandido por meio de diferentes mídias e plataformas. Ela envolve a criação de conteúdo complementar e interconectado, que se estende além do meio original

² A montagem audiovisual é o processo de seleção, edição e organização de diferentes elementos visuais e sonoros, como imagens, vídeos, áudios, efeitos especiais e música, para criar uma narrativa ou transmitir uma mensagem específica.

após esse último momento de experiência audiovisual, foi coletada a conversa hermenêutica que foi utilizada no processo de interpretação e tematização para a obtenção dos temas que revelam a essência desse fenômeno.

O processo de gravação em estúdio parecia ser aparentemente simples, confesso como pesquisador que a minha preocupação era apenas com a linguagem, mas o simples ato de discursar diante de uma câmera, para um aluno que não está presente de modo síncrono, revelou questões muito mais graves e emergentes que só puderam ser percebidas devido a característica de interpretação da AHFC e do instrumento conversa hermenêutica. Após a experiência de gravação, os participantes realizaram com o pesquisador uma conversa para juntos compreender o que de fato ocorreu em toda a vivência, eles trouxeram memórias, sentimentos, discussões teóricas, debateram e enfim tudo foi gravado e textualizado, assim o material coletado prosseguiu para o processo de tematização.

Nas pesquisas que se orientam pela AHFC os temas emergem naturalmente e representam a essência do fenômeno investigado, os temas permitem uma investigação profunda da vivência e como possuem uma característica complexa, são uma parte, ou seja, o sistema de temas que representa hologramaticamente o todo fenomenológico. Desse modo os temas encontrados desvelaram a emergente necessidade de possibilitar aos alunos vivências com práticas que envolvam a arte de criar vídeos para ambientes educacionais online, além de outras questões ainda mais profundas que apresentarei a seguir.

Desvelando a Natureza do Fenômeno Investigado

Nas pesquisas que se propõem a seguir a orientação metodológica da AHFC, os fenômenos investigados devem ser textualizados, portanto na pesquisa citada as vivências foram gravadas em áudio e posteriormente textualizadas. Outras anotações como notas de campo, trocas de mensagens com os participantes também auxiliaram, mas apenas para dar suporte à interpretação, pois o texto principal utilizado no processo de tematização foi o obtido através de um instrumento típico da AHFC que é denominado conversa hermenêutica. Freire (2012 p.191) em seu texto “Da aparência à essência: a abordagem hermenêutico-fenomenológica como orientação qualitativa de pesquisa”, conceitua conversa hermenêutica como:

... o diálogo mantido entre pesquisador e pesquisado, quando ambos se engajam, genuinamente, na negociação mútua e na construção conjunta de significados. A conversa hermenêutica, usada como instrumento de investigação, se diferencia de uma entrevista, na qual o pesquisado tem as informações de que o pesquisador necessita, ou é solicitado a confirmar ou expandir o que já foi informado em interação anterior. Nesse caso, o envolvimento entre os interagentes não se caracteriza pela busca intencionalmente compartilhada de significados, mas pelo fornecimento de informações, confirmações ou retificações, de que um é detentor. Na conversa hermenêutica, ao contrário, ambos se tornam investigadores de algo que, sinceramente, procuram compreender e, para tanto, expõem, discutem e refletem a cerca de suas visões individuais, argumentando sobre pontos e contrapontos, e envolvendo-se em um círculo hermenêutico (Freire 2012, p. 191).

No último encontro formativo foi coletada a conversa hermenêutica e os participantes já haviam vivenciado estudos sobre linguagem audiovisual, realizaram análises fílmicas, planejaram e elaboraram seus roteiros, entretanto no momento de gravação tiveram liberdade em utilizar ou não seus roteiros audiovisuais, e nesse momento de experimentação foi dada a oportunidade de sentir o conforto ou desconforto sem a imposição de modelos e métodos de gravação. Além disso experienciaram o planejamento e a produção de um roteiro audiovisual para uma videoaula. Após todos os dias de preparação, enfim no último encontro presencial enfrentaram a câmera testando o método inicialmente sem roteiro e posteriormente roteirizado, ou seja, tentaram inicialmente dialogar, se é que isso é possível, com uma lente fria, um aluno imaginário, ausente, que não interage, não responde, não participa e não dá nenhum *feedback* ao professor.

Após a vivência de gravação os participantes relataram momentos de desconforto e refletimos sobre a visão equivocada de que ao imaginar que a câmera é um aluno tudo funciona como uma mágica, verificamos que não funcionou, as palavras não saíam, o nervosismo era latente, e o discurso deixava de fazer sentido, as narrativas se perdiam ou se repetiam com frequência, esse raciocínio revelou um erro de método, oculto nas técnicas de design de curso revelando no processo de produção audiovisual educacional um processo que reproduz a "educação bancária" (Freire, 1987) que é baseada na transmissão passiva de conhecimento, no qual o aluno é tratado como um recipiente vazio a ser preenchido pelo professor. E é exatamente esse modelo que é indubitavelmente reproduzido ao se produzir uma videoaula assíncrona principalmente sem apoio de um roteiro audiovisual.

Nessa construção conjunta de significados sobre produção de videoaulas, os participantes questionaram sobre o que é aula no contexto de produção online, esse tema

emergiu com muita frequência e proporcionou a seguinte reflexão; O termo aula tem uma aura de diálogo, de discussão, de construção coletiva, um *momentum* de mesmo espaço-tempo que envolve o ato de falar e ouvir, esse *momentum* é inexistente em videoaulas assíncronas, desse modo ao conhecer profundamente o fenômeno de produção de uma videoaula a partir de seus temas essenciais, a pesquisa revela que esse tipo de produto audiovisual não possui características de aula, mas foi nomeada de videoaula, entretanto não possui a aura de aula.

Considero aura no sentido Benjaminiano ao reflexionar sobre a tentativa de desenvolver a reprodutibilidade técnica de uma aula, nesse sentido, devido a incapacidade de tornar o *momentum* da aula reprodutível em larga escala, é diligente considerar que aula é a arte de partilhar conhecimentos, muitas vezes de modo bidirecional, ou seja, no sentido professor-aluno e aluno-professor, portanto sua reprodutibilidade técnica não traz à videoaula a aura da aula, que possui um *momentum* tornando-se autêntica, única e irreprodutível. Nesse sentido a pesquisa desenvolveu a discussão em torno do termo videoaula, afastando a ideia de videoaula como aula em vídeo e aproximando ao conceito de material didático, exigindo de seu produtor audiovisual conhecimentos na escrita da tela audiovisual, como os temas hermenêutico-fenomenológicos complexos revelaram.

Os Sistemas de Temas Encontrados

O processo de interpretação hermenêutico-fenomenológico complexo sistematizado por Freire (2010, 2012, 2017) exige um movimento de refinamento, resignificação e nomeação dos temas envolvidos em um ciclo de validação em que se confrontam sentidos com a pergunta de pesquisa. Esse ciclo em especial, rompe as barreiras lineares de causa e efeito, ao mesmo tempo, exigem um rigor de verificação e confrontação, pois os temas e as unidades de significado se articulam e se resignificam até que se materializem em temas e subtemas, revelando a natureza do fenômeno. Na pesquisa utilizada como exemplo neste artigo os temas que emergiram no processo de interpretação e tematização: BUSCA, PRESENÇA, AUSÊNCIA, ESTRANHAMENTO, QUESTIONAMENTO, *aluno, feedback, humanidade, dificuldade, naturalidade, artificialidade, discurso, espaço, delimitação, desconforto, tecnologia, aula, si mesmo.*

Para facilitar a leitura opto por grafar os temas em maiúsculas e os subtemas em itálico sempre que me referir aos temas e subtemas no corpo deste artigo.

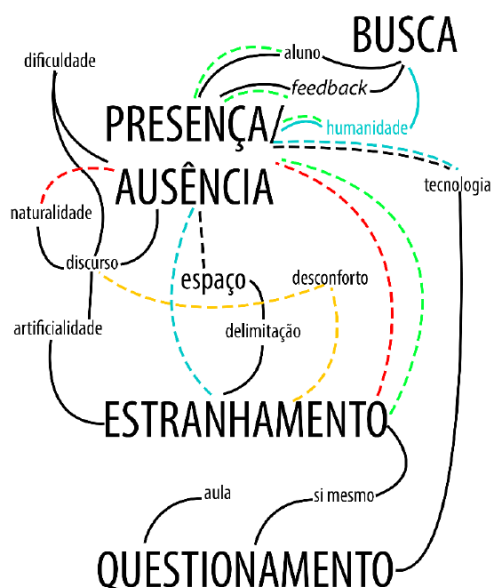
Relações Complexas Entre Temas e Subtemas: Uma Rede de Significados

No âmbito das concepções teóricas da AHFC as pesquisas compreendem a interpretação num movimento de causalidade circular e de relação dialógica entre subjetividade e objetividade e exige do pesquisador uma existência dentro e fora do texto, em uma busca de desvendar a natureza de um certo fenômeno, sob a perspectiva dos indivíduos que os vivenciam, percebem e intuitivamente interpretam fenômeno vivido (Freire, 2010, p. 20).

Na perspectiva da complexidade, compreendemos sistema, como uma organização que “permite conectar e religar as partes em um todo”. Morin (2015, p.110) desse modo, os temas são apresentados e articulados entre si e não fragmentados para garantir ao leitor uma coerência teórica na apresentação das relações que os temas mantêm entre si e com seus subtemas. Desse modo, na pesquisa, utilizei a figura abaixo para ilustrar o sistema de temas e subtemas interligados entre si, de modo que cada linha representa um caminho reflexivo de causalidade circular:

Figura 1

Sistema de Temas e Subtemas



Fonte: Priuli (2017, p.131)

Sempre que necessário será possível recorrer aos excertos da conversa hermenêutica para dar suporte às conexões entre os temas. Os temas que mais emergiram nos textos oriundos da vivência de gravação foram a PRESENÇA e AUSÊNCIA. Ambos apareciam intrinsecamente conectados devido a característica complexa do fenômeno, e emergiram principalmente quando a ausência do aluno foi impactante quando os professores tentaram transpor sem nenhum tratamento audiovisual a aula presencial, apenas substituindo na sala de aula os alunos por uma câmera, como reforçam os excertos extraídos de Priuli (2017):

Excerto 17: É uma coisa que eu até me questiono porque tem professores que preferem dar aula para 15 alunos.... Eu já acho que 15 alunos fica uma sala sem som.... Sabe eu tô falando e a minha voz ecoa...Tem que ter pelo menos uns 20...Aí começa a dar aquele barulho... ai você já começa a dar porrada... e leva também...Tem que ter esse negócio vivo entende?

Excerto 18: Buscava... e no vídeo você vê (ele olhando para o lado) que a hora que ele estava falando, e eu estava compreendendo.... eu sinalizava com a cabeça, é o feedback que as vezes o aluno dá. Você olha...quer dizer que você está obtendo retorno né...É como você falou, que as vezes você imagina que a câmera tem um aluninho ali...

Excerto 19: É....eu faço isso eu olho pra câmera e busco alguém sabe, alguém que as vezes não tá (inaudível) mesmo

Excerto 20: Se tivesse alguém dando feedback perto da câmera ficaria OK! (Priuli, 2017, p.138)

Os excertos remetem a um desconforto ocasionado pela AUSÊNCIA do aluno, ou seja, a ausência das discussões em sala de aula, dos momentos vivos, de debate e construção coletiva de conhecimento trazendo ao professor oriundo de sala de aula um ESTRANHAMENTO ocasionado pela AUSÊNCIA da PRESENÇA do aluno substituído espacialmente pela câmera fria, que não dá nenhum feedback. Nos relatos coletados os participantes QUESTIONAM a tecnologia que eles comparam metaforicamente ao diálogo frio com um robô observado nos excertos 21 e 22:

Excerto 21: Assim...o software é bom, mas tem que ter outro porque este software em específico eu prefiro até que fique alguém com uma plaquinha ali e fala: agora você pode.... Fala!!.... Por causa que (longa pausa) ... O negócio é frio pra caramba! Dá medo! É preto, e como o letreiro é vermelho dá contraste... Aí parece ... Sei lá que você tá falando com um robô (risos)

Excerto 22: Porque a aula tem muito a ver com interação humana né, gente? Quando você tem algum artefato, como é o caso do teleprompter.... Parece que isso realmente fica estranho... você está olhando para alguma coisa que não é alguém. (Priuli, 2017, p.138).

A interpretação também revelou o tema BUSCA de feedback no sentido de diálogo, além de uma BUSCA dos alunos, ou seja, de presença humana (humanidade). Entretanto, na vivência de produção da videoaula os alunos não estavam presentes fisicamente, causando desconforto de modo que essas situações atípicas para os padrões tradicionais de aula revelaram novos ESTRANHAMENTOS causados pela artificialidade presente nos discursos durante as gravações revelando uma AUSÊNCIA de naturalidade. Esses ESTRANHAMENTOS foram revertidos com a utilização de roteiro audiovisual, tornando o discurso natural e a experiência de gravação menos desconfortável como revelam os excertos 33, 34 e 35:

Excerto 33: Assim, você lendo o seu texto, eu acho que a experiência foi diferente, mas o que você acha que faltaria para (longa pausa)... Porque pra mim, e acho que para a (participante 2) também parecia que estava super natural, não parecia que você estava lendo, teve até um momento que a gente comentou, nossa não parece que ele está lendo.

Excerto 34: Eu vendo, se eu não soubesse que eu fiz o roteiro eu não diria que eu estou lendo... mas sei lá (risos) é uma questão que são aquelas primeiras preocupações, eu fiquei olhando assim e pensei nossa como eu tenho o (inaudível) gigante...

Excerto 35: Eu acho que até por isso que o dele (participante1) conseguiu ter mais naturalidade porque não há uma transcrição da fala para o que está escrito, mas é tudo o que ele imaginou para essa aula, e no meu caso eu não imaginei essa aula eu imaginei outra situação (Priuli, 2017, p. 142).

O tema ESTRANHAMENTO também está ligado à PRESENÇA/AUSÊNCIA de tecnologia e ao desconforto frente a uma nova maneira de conceber a aula. O tema ESTRANHAMENTO também se conecta com a delimitação do espaço, pois o ato de gravar não permite que o professor se movimente para não sair do enquadramento da câmera. E novamente a câmera é o corpo estranho, ou seja, é a PRESENÇA da tecnologia que causa ESTRANHAMENTO como observado nos excertos 01 e 02:

Excerto 01: Quatro passos ...Essa do espaço eu nunca vou esquecer.

Excerto 02: Cara esse tema não teve problema, mas se eu tivesse que ensinar o que eu gosto de ensinar que é língua portuguesa, quando eu contei ali quatro passos eu pensei.... Como é que eu vou dar aula aqui? Ai aqui na frente também (referindo-se ao teleprompter) por causa que...Pra câmera beleza, mas eu iria até o fundo da sala se brincar (Priuli, 2017, p. 135).

Nos excertos seguintes, essa nova configuração espacial manteve a delimitação e trouxe novos ESTRANHAMENTOS, articulados à AUSÊNCIA de naturalidade em comparação aos espaços tradicionais de sala de aula, revelados nos excertos 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10:

Excerto 04: Essa coisa assim de delimitar o espaço então...

Excerto 05: É uma questão de câmera né, mas esse espaço complica.... Complica porque tira a naturalidade, é o que a Francisca falou.... Acho que a aula é uma coisa muito pessoal né...

Excerto 06: Porque a dinâmica é diferente.

Excerto 07: É totalmente diferente.... Tem professores.... Eu já tive professores que ele pega aquela mesa, arrasta pra cá... para o meio... para todos os alunos conseguirem vê-lo... Na cabeça dele né...

Excerto 08: ...e pronto, ele consegue dar aula parado! Então ficaria ali certinho no espaço que a gente delimitou.

Excerto 09: Congeladinho.

Excerto 10; Mas eu... Vixe...Cara pra mim pode tirar a mesa da sala de aula... É um perfil de cada professor (Priuli, 2017, p. 135).

Ao final da gravação realizada em um estúdio montado no interior de uma sala de aula, assistimos ao take gravado, em seguida os participantes notaram o olhar do participante 1, desviando o olhar da câmera em BUSCA de um olhar humano (humanidade), na AUSÊNCIA de feedback de um aluno o participante buscou um contado de diálogo. Esse movimento involuntário em busca de um elemento vivo reforça a busca pela PRESENÇA do contato síncrono com algo vivo e de sua participação, ou seja, uma BUSCA de feedback. O participante buscou encontrar a PRESENÇA do aluno, e de certo modo a encontrou, no meu aceno involuntário que emitia um tipo de resposta, um feedback humano (humanidade) confirmado pelos participantes como ilustrado nos excertos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19 e 20:

Excerto 11: É uma coisa que eu até notei, porque o Ricardo ele tava aqui né (ao lado do teleprompter) ele estava passando o letreiro pra mim, mas quando ele acenava com a cabeça, mesmo eu olhando para o texto (do teleprompter) eu olhava pra ele.

Excerto 12: É a busca do

Excerto 13: Do feedback

Excerto 14: ... feedback, eu percebi que eu estava atrapalhando ele, porque o texto dele está bem escrito...então tinha hora que...

Excerto 15: Provoca interação, o texto dele provoca interação.

Excerto 16: Mas em momento nenhum passou pela minha cabeça eu vou olhar para o Ricardo. O meu olhar buscou o Ricardo.... É automático.

Excerto 18: Buscava... e no vídeo você vê (ele olhando para o lado) que a hora que ele estava falando, e eu estava compreendendo.... eu sinalizava com a cabeça, é o feedback que as vezes o aluno dá. Você olha...quer dizer que você está obtendo retorno né...É como você falou, que as vezes você imagina que a câmera tem um aluninho ali... que a Francisca lembrou.

Excerto 19: É....eu faço isso eu olho pra câmera e busco alguém sabe, alguém que as vezes não tá (inaudível) mesmo.

Excerto 20: Se tivesse alguém dando feedback perto da câmera ficaria OK! (Priuli, 2017, p. 137)

Como demonstrado, inclusive com suporte dos excertos, os temas apresentam um sistema de relações que representam a essência do fenômeno, no caso, o processo de transposição da aula para videoaula. E no caso da pesquisa destaco que transposição a que me refiro, não é transposição didática, mas transposição no sentido em que o prefixo trans, significa para além de ou através de, ou seja, a transformação da aula para algo que não é mais a aula em si, mas atravessa a aula e vai para além dela, ou a complementa como um terceiro incluído como sugere a teoria transdisciplinar de Nicolescu (2015). Os temas se interrelacionam e mesmo os opostos se complementam, pois na vivência do fenômeno transposição da aula para videoaula, decorreram momentos de descoberta, testes de gravação com e sem roteiro, tentativas de mudança do espaço, trocas de roteiro entre participantes, momentos de reflexão, conflitos, dificuldades e discussões de modo que possibilitaram tanto ao pesquisador quanto aos participantes revelar as qualidades que envolveram a natureza do fenômeno investigado. Destaco que de posse dos temas, sempre é possível retornar ao texto base proporcionado pela conversa hermenêutica, retomar o processo de tematização e ressignificação realizando novas conexões e descobertas que vão se ampliando a medida que realizamos novos mergulhos interpretativos, que possibilitam ao pesquisador novos olhares para o fenômeno investigado.

Conclusão

A abordagem hermenêutico-fenomenológica complexa (AHFC) apresentada neste artigo demonstra sua relevância como uma orientação metodológica de pesquisa que

articula os conhecimentos filosóficos da Hermenêutica e da Fenomenologia com a epistemologia da Complexidade. Ao permitir a descrição e interpretação de fenômenos da experiência humana por meio da identificação de temas hermenêutico-fenomenológicos complexos, a AHFC oferece uma abordagem metodológica que vai além das interpretações unilaterais e finais, abrindo espaço para múltiplas interpretações possíveis. E permitindo novos olhares investigativos para o fenômeno investigado, pois de posse dos temas essenciais do fenômeno oriundos da tematização da AHFC o pesquisador tem em mãos inúmeras possibilidades investigativas.

Destaco também que a conversa hermenêutica utilizada na pesquisa, é um instrumento típico da AHFC, e permitiu um diálogo genuíno entre pesquisador e participantes da pesquisa, em busca da construção conjunta de significados. A aplicação da AHFC na pesquisa do exemplo revelou temas essenciais que emergiram das vivências dos participantes. Os temas como PRESENÇA/AUSÊNCIA, ESTRANHAMENTO, QUESTIONAMENTO, feedback, entre outros, destacam as complexidades e desafios enfrentados na transposição da aula presencial para o ambiente online. O estudo revelou a necessidade de repensar o conceito de videoaula, afastando-o da ideia de mera transposição da aula tradicional, e aproximando-o do conceito de material didático, exigindo habilidades específicas na escrita artística da tela audiovisual.

Os temas revelaram as tensões existentes no ambiente de produção de videoaulas, como a BUSCA por interação humana e falta de feedback dos alunos em um ambiente de gravação assíncrono, o desconforto causado pela artificialidade e falta de naturalidade diante a lente de uma câmera ou a sensação de alívio e tranquilidade ao encontrar apoio no próprio texto no teleprompter. Outras questões como a delimitação do espaço que limita a não apenas a movimentação natural do professor, mas engessa o discurso, também foram reveladas. Essas reflexões proporcionam uma compreensão mais profunda do fenômeno investigado e abrem caminho para uma abordagem mais consciente e reflexiva na produção de videoaulas.

Em suma, a abordagem hermenêutico-fenomenológica complexa oferece um instrumento típico enriquecedor, que possibilita uma compreensão simultaneamente profunda e abrangente dos fenômenos da experiência humana. A conversa hermenêutica como instrumento típico da AHFC promove uma coleta de textos de modo que pesquisador e participante estejam envolvidos sem hierarquia, se engajando genuinamente juntos, de modo que ambos se tornam investigadores de algo que procuram compreender contribuindo para a construção de significados, cabe ao pesquisador é claro o trabalho de coleta e o mergulho interpretativo, porém no ato da conversa hermenêutica todas as vozes possuem o mesmo peso/valor e volume, pois o

pesquisador e os participantes vivenciam juntos o mesmo fenômeno e sem perder de vista a pergunta norteadora de pesquisa e o rigor científico chegam a um mesmo horizonte com lentes distintas.

Referências

- Benjamin, W. (1987). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, (G. V. Silva, Trad.). L&PM Editores.
- Carrière, J-C. (2006). *A linguagem secreta do cinema*. Nova Fronteira.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*, (17ª ed.). Paz e Terra.
- Freire, M. M. (2010). A abordagem hermenêutico-fenomenológica como orientação de pesquisa. Em M. M. Freire (Org.). *A pesquisa qualitativa sob múltiplos olhares: Estabelecendo interlocuções em Linguística Aplicada*, (pp. 1-29). GPeAHF.
- Freire, M. M. (2012). Da aparência a essência: A abordagem hermenêutico-fenomenológica como orientação qualitativa de pesquisa. Em J. Rojas & L. S. Melo (Orgs.). *Educação, pesquisa e prática docente em diferentes contextos*. Life Editora.
- Freire, M. M. (2013). Complex educational design: A course design model based on complexity. *Campus-Wide Info. Systems*, 30(3), 174-185.
- Freire, M. M. (2015). *Desenho, implementação e avaliação de cursos assistidos e/ou mediados por recursos/plataformas digitais, com enfoque na Complexidade*. LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Freire, M. M. (2017). Uma abordagem metodológica e uma teoria do conhecimento: Relato de um encontro e a emergência de uma tessitura. Em M. M. Freire, K. C. N. Brauer & G. Aguilar (Orgs.). *Vias para a pesquisa: Reflexões e mediações*. Cruzeiro do Sul Ed.
- Lévy, P. (2006). *O que é virtual?* (P. Neves, Trad.). Editora 34.
- Mariotti, H. (2007, julho 12). Operadores cognitivos do pensamento complexo. *Escola Diálogo*. <http://escoladedialogo.com.br/operadores-cognitivos>
- McLuhan, M. (2007). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Cultrix.
- Morin, E. (1977). *O Método 1: A natureza da natureza*. Europa América.
- Morin, E. (2008). *Introdução ao pensamento complexo*. Instituto Piaget.
- Morin, E. (2014a). *A cabeça bem feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2014b). *O cinema ou o homem imaginário: Ensaio de antropologia sociológica*. Realizações.
- Morin, E. (2015). *Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação*. Meridional Sulina.
- Nicolescu, B. (2015). *O manifesto da transdisciplinaridade*. Editora Triom.
- Priuli, R. M. (2017). *Uma aula na cabeça, uma câmera na mão: Transposição para videoaula na formação de professores na perspectiva da complexidade*. [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/20810>